

# Logística da exportação da carne bovina

ANDRÉA LEDA RAMOS DE OLIVEIRA OJIMA\*  
LUIZA MARIA CAPANEMA\*\*

**F**rente à existência de ambiente altamente competitivo, propiciado pela globalização dos mercados, o Brasil tem cada vez mais utilizado o agronegócio como estratégia de inserção na economia mundial. O estado de São Paulo apresenta participação expressiva no contexto de crescimento das exportações do agronegócio brasileiro. Em 2004, a contribuição ficou próxima de 32% do total exportado pelo País, com aproximadamente 24% das exportações do agronegócio brasileiro. Quanto à composição setorial, as cadeias de produção que mais se destacaram foram as de bovinos, cana e sacarina, produtos florestais e frutas.

O crescente desenvolvimento de tecnologias para a pecuária – melhoramento genético, inseminação artificial, intensificação do uso de técnicas de confinamento e semi-confinamento –, somado ao rígido monitoramento de sanidade do rebanho, aumenta a participação da carne brasileira na pauta de exportações do País, que tiveram um crescimento de mais de 200%, entre 1999 e 2004.

O Estado de São Paulo, na produção, conta com um número relevante de plantas frigoríficas que se dedicam ao abate, desossa e processamento: 57 estabelecimentos cadastrados na categoria matadouro-frigorífico no Sistema Federal de Inspeção (SIF). É o Estado com maior número de estabelecimentos qualificados para exportação, na sua maioria, abatedouros de grande porte.

A participação paulista nas exportações de carne bovina evidencia o grande fluxo de carga movimentado em seu território. Em 2004, o porto de Santos registrou um volume de exportação de 1,1 milhão de toneladas<sup>5</sup>, aproximadamente, 70% das exportações brasileiras. O estado se destaca tanto pela produção (abate e industrialização) de carnes destinadas à exportação como pelo maior volume escoado pelo porto.

Como qualquer outro segmen-

to do agronegócio, a cadeia produtiva de carne bovina enfrenta problemas de logística de transportes, dentre eles, as condições precárias das vias de transporte, a deficiente infra-estrutura portuária para carga refrigerada e falta de disponibilidade de contêineres. São problemas que interferem no custo de produção e na qualidade da carne.

Dadas as características particulares do produto, a logística de carne bovina requer critérios rigorosos na escolha do transporte e nas condições da movimentação da fazenda à indústria e desta até os portos de exportação. A necessidade de um plano eficiente é visível tanto para o gado transportado em pé quanto para o já abatido em caminhões frigoríficos.

Para os frigoríficos, a logística começa desde a chegada do gado até a sua descarga para o abate e posterior desossa. Envolve etapas referentes aos cortes (que pode variar de acordo com cada comprador), à emba-

Cadeia de carne bovina - 2003			
Estado	Abate cabeças	Produção Equivalente carcaça - t	Ranking nacional
Mato Grosso do Sul	5,6 milhões	1,0 milhão	Primeiro
São Paulo	5,0 milhões	960 mil	Segundo

Fonte: IBGE

Matadouros-frigoríficos cadastrados no SIGSIF/MAPA - 2005							
Estado	Abate de cabeças/hora					Total	Exportador (A)
	> 80 *	>80de	40 a 80	de 20 a 40	< 20		
São Paulo	4	8	21	15	9	57	49
Mato Grosso do Sul	0	6	10	13	28	57	20
Mato Grosso	8	8	11	18	4	49	22
Goiás	4	9	14	9	13	49	15
Total	16	31	56	55	54	212	106

Fonte: Ministério da Agricultura - Sistema Federal de Inspeção (SIF)<sup>4</sup>

(\*) Com industrialização ou estocagem

(A) Frigorífico credenciado para exportação

## Matadouros-frigoríficos

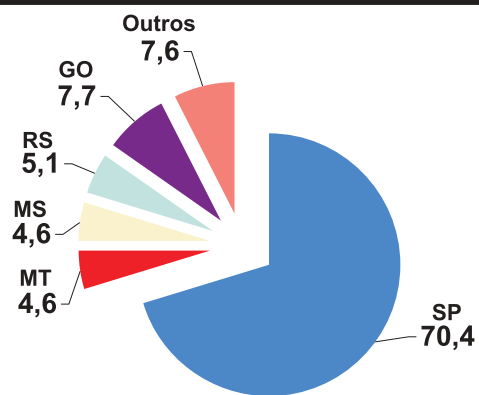
**U**nidades operacionais maiores e mais completas, dotadas de equipamentos modernos para processamento e conservação, em que o controle da matéria-prima, o processamento, a estocagem e a distribuição são gerenciados sob moldes empresariais, e operam sob inspeção sanitária. A carne produzida se destina ao mercado interno, menos exigente e pouco atento à qualidade e à exportação. A indústria voltada à exportação possui elevado nível tecnológico, contrastando com as demais.

lagem da carne, à conferência do produto e à expedição da carga nas carretas para ser distribuída, tendo como destino o mercado interno ou o externo.

Algumas mudanças ocorrem na captação da matéria-prima (encaminamento dos animais para o abate). Os grandes frigoríficos migraram de região e alocam o complexo industrial próximo às unidades produtoras, num raio de 200 quilômetros.

O estresse sofrido pelo gado e

Participação % por estado  
na exportação de carne bovina



Fonte: SECEX: 2004

a incidência de lotes com grande número de contusões diminuem quanto mais próximo do abatedouro estiver o criador. As partes contundidas depreciam as peças atingidas ou são descartadas, há diminuição na qualidade e no rendimento dos cortes. Existe também a questão da perda de peso durante o transporte em longa distância.

Esses problemas refletem no preço recebido pela arroba do boi, pois significam deságio em relação ao valor pago ao pecuarista. Alguns frigoríficos atuam como agentes capacitadores, na busca por uniformidade, padrão e qualidade da matéria-prima. As exigências do mercado são transmitidas aos pecuaristas. Os importadores possuem diferentes normas e padrões de sanidade, como de cortes.

Recentemente, o frigorífico Independência Alimentos lançou o Programa de Qualidade de Bovinos Independência (PQBI), com a definição de uma política de preços pelo rendimento industrial das carcaças.

À medida que os frigoríficos se aproximam do produto, aumentam a distância para portos de exportação, os custos de transporte e a demanda por transporte refrigerado. Os problemas de infra-estrutura aparecem, como, por exemplo, a má conservação das estradas; a inadequação dos portos para os produtos; a burocracia nos postos fiscais estadu-

## Estados Unidos permitem "retorno" de frigoríficos

No dia 5 de maio, o governo brasileiro suspendeu a emissão de certificados sanitários para 28 estabelecimentos que exportavam carne bovina para os Estados Unidos. A medida foi tomada para que fossem promovidas adequações no serviço de inspeção e nas operações desses frigoríficos, apontadas como necessárias pelo Ministério. A estratégia evitou embargos mais longos. Todas as plantas exportam carne enlatada, pré-cozida, e não o produto *in natura*.

O governo dos Estados Unidos permitiu a retomada das importações de carne bovina industrializada de seis frigoríficos brasileiros, que representam 85% dos embarques. A equipe veterinária dos Estados Unidos também aprovou os serviços estaduais de inspeção de produtos de origem animal em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Também foram habilitados três laboratórios: LACI, de Lins (SP); SFDK, de São Paulo (SP), e LARA, de Pedro Leopoldo (MG).



### Frigoríficos autorizados

- Links, em Itupeva (SP);
- Ferreira, em Três Rios (RJ);
- Frisa, em Nanuque (MG);
- Marfrig, em Promissão (SP);
- Bertin, de Lins (SP),
- Friboi, de Presidente Epitácio (SP)



A decisão favorável ao Brasil garantirá a retomada de um acordo de equivalência sanitária entre os países. A atuação trouxe credibilidade e autoridade para voltar a habilitar novas plantas sem a tutela dos americanos. Sem a suspensão dos embarques, haveria de se esperar pelo menos 18 meses para retomar as vendas.

No início de abril, a missão dos EUA descredenciou da lista de exportadores unidades do Friboi (Andradina - SP), Pampeano (Negra - RS) e Kerry (Três Corações - Minas Gerais). Essas unidades ficarão fora das exportações por 18 meses. Foi solicitada a revisão de procedimentos técnicos adotados por frigoríficos e governo para adequar o sistema de inspeção e fiscalização às suas regras. Os Estados Unidos cobraram, sobretudo, a contratação de inspetores federais, destinação de mais recursos para a área, treinamento e capacitação de pessoal, além da modernização e mais investimentos em laboratórios.

O trabalho dos veterinários está dividido em quatro grupos: o primeiro visita os frigoríficos, o segundo trata de questões administrativas, em reuniões em São Paulo, com técnicos da Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura. Dois outros fazem auditoria em laboratórios de controle microbiológico e de resíduos nos produtos exportados.

O cronograma de visitas das missões veterinárias dos EUA envolve 13 unidades frigoríficas até julho, e mais 19 em agosto. Serão auditadas as condições higiênico-sanitárias de oito plantas industriais de bovinos localizadas nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Em Mato Grosso, de acordo com a pré-agenda elaborada pelo Mapa e a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), serão visitados os frigoríficos Friboi, de Araputanga; o de Várzea Grande, atualmente arrendado à empresa pela Sadia, e também o laboratório que funciona na sede da Superintendência Federal da Agricultura (SFA), em Várzea Grande (MT).

ais e a carência de armazenagem.

Os principais frigoríficos atuam intensamente na logística, com investimentos na frota de carretas frigorificadas, em armazéns específicos para cadeia de frio, inclusive nos portos de exportação. São esforços na tentativa de se obter uma estrutura ágil, com alto giro dos produtos e qualidade em todas as etapas, desde a separação das cargas até a estufagem dos contêineres em plataformas climatizadas.

O fortalecimento da logística para a cadeia de bovinos se torna um complemento vital, face às novas tecnologias. É mais um desafio a se juntar àqueles ligados à obtenção da matéria-prima próxima aos centros de abate; à adequação às exigências fitossanitárias internas e externas; aos entraves das barreiras não-tarifárias; ao sistema de cotas de países importadores e à situação macroeconômica do País. ■

\* Pesquisador do Instituto de Economia Agrícola (IEA);  
e-mail: andrea@iea.sp.gov.br

\*\* Pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola (IEA);  
e-mail: luizamcb@iea.sp.gov.br

## Exportação aumenta o custo de contêiner

O crescimento de quase um terço nos embarques brasileiros de carnes ao exterior, durante o primeiro semestre deste ano, elevou a demanda por contêineres e já provoca alta nos custos de exportação. A maior procura de contêineres se deve principalmente ao aumento das vendas para Rússia e Japão. Com isso, o frete de um contêiner refrigerado passou de US\$4.500 para US\$5.000 para cargas com destino à Rússia. Além do maior custo do frete por contêiner, os exportadores também têm de enfrentar despesas mais altas com armazenagem, porque, em alguns casos, não conseguem embarcar as cargas na data prevista.



# Calcule o custo do confinamento

ALCIDES DE MOURA TORRES JR.\*, FABIANO R. TITO ROSA\*\*  
e MAURÍCIO PALMA NOGUEIRA\*\*\*

Neste ano, os preços dos concentrados mais utilizados em dietas de confinamento e semiconfinamento estão, em média, 13,8% mais baixos em relação a 2004. Por meio da substituição de alguns alimentos, o produtor consegue reduzir os custos nesse item em cerca de 15,10%.

A queda nos preços dos concentrados vem num bom momento, pois as cotações da arroba do boi gordo estão extremamente baixas.

No entanto, o mercado favorável dos concentrados não reduziu os custos das dietas em 2005. Isso porque o custo de produção dos volumosos aumentou 17% em relação a 2004.

A parcela necessária de ali-

mento volumoso para a composição das dietas representa cerca de 30% dos custos da alimentação no confinamento. Espera-se um aumento em torno de 5,31% nos custos totais das dietas do confinamento em 2005.

Os maiores aumentos foram observados para dietas à base de silagem de milho e silagem de sorgo, cujos valores reagiram 13,8% e 8,2%, respectivamente. Dietas à base de cana-de-açúcar, de menor custo, aumentaram apenas 2,47%. A silagem de capim, volumoso res-

ponsável pela dieta mais cara de 2004, foi a única que apresentou redução nos custos, de 2,5%.

A pré mistura reúne uréia, sulfato de amônio, suplemento mineral e calcário, dependendo do caso.

As dietas apresentadas, apesar

CUSTO TOTAL DE DIETA	
Produto	R\$/ton
Milho	137,42
Cana	117,40
Sorgo	130,93
Capim	101,24

FONTE: Scot Consultoria.  
maiores detalhes - e-mail:  
scotconsultoria@scotconsultoria.com.br